



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEONARDO FINCO

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-368

Entrevistado: Leonardo Finco

Nascimento: 22/06/1964

Local da entrevista: CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo) – Porto Alegre

Entrevistadora: Bruna Tomaschwski Perla

Data da entrevista: 19/11/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 15 min e 32 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no esporte; Influências da carreira; Cenário da Ginástica Artística no Rio Grande do Sul; Relação com clubes e instituições; Momentos de destaque da vida esportiva; Dificuldades durante a carreira; Participação nos Jogos Olímpicos; Como aconteceu a participação; Experiência olímpica; Edições dos Jogos que participou; Preparação para os Jogos Olímpicos de Londres; Repercussão da participação na carreira; Significado da participação para o Rio Grande do Sul; Permanência no Rio Grande do Sul; Importância dos ginastas no cenário regional; Considerações finais.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2013. Entrevista com Leonardo Finco cargo da pesquisadora Bruna Tomaschwski Perla, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.P. – A primeira etapa da entrevista é sobre tua história de vida no esporte. Como foi tua inserção no esporte? Já iniciou na modalidade?

L.F. – Não, eu comecei tarde na modalidade que eu atuo que é a ginástica. Eu nasci no interior e na cidade em que eu nasci não existia, vim morar em Porto Alegre quando eu tinha doze anos, queria praticar um esporte aqui, me indicaram o CETE¹, na época eu vim conhecer o que tinha de esportes, que eram vários. Olhei para a ginástica, me apaixonei e a partir daí fui atleta, pouco, dos doze aos dezoito, depois entrei para a faculdade de Educação Física em função de sempre gostar de esporte, a partir daí parei de treinar, comecei a trabalhar com isso, virei treinador, eu comecei desde as categorias, trabalho com iniciação, com recreação, treinamento de crianças, adultos, até chegar à seleção.

B.P. – Quem influenciou na sua carreira? Algum parente, algum amigo?

L.F. – Olha, eu tenho um tio que brincava muito comigo de fazer ginástica, mas sem conhecer ginástica como ela é realmente; no interior isso, então eu acho que ele foi a pessoa que mais ou menos incentivou. E depois disso o meu primeiro treinador foi uma pessoa maravilhosa que eu me espelhei na época e queria ser um treinador, então eu acho que foram duas pessoas importantes. E depois o histórico foi me levando a cada vez procurar mais e desenvolver o meu trabalho.

B.P. – Como era a situação da ginástica no Rio Grande do Sul na época?

L.F. – A ginástica artística sempre foi muito forte no Rio Grande do Sul, mas tiveram momentos muito difíceis de se trabalhar, de se conseguir, de ter espaço para trabalhar ou aqui mesmo o CETE fechou, os clubes estavam fracos e o Brasil era muito fraco internacionalmente e o meu sonho era modificar esse cenário, e hoje graças à Deus está bastante modificado.

B.P. – Dentro da sua carreira teve relação com algum clube ou instituição?

L.F. – Sim. Eu trabalhei em dois grandes clubes aqui de Porto Alegre, tanto a Sociedade Ginástica de Porto Alegre que é a Sogipa e o Grêmio Náutico União, eu fiquei dez anos e estou há vinte anos no União. Durante esse tempo trabalhei doze anos na Federação Gaúcha de Ginástica como assessoria técnica, Confederação Brasileira como Comitê Técnico, hoje eu coordeno as Seleções masculinas de ginástica da Confederação Brasileira e trabalho no Comitê Olímpico Brasileiro como assessoria também.

B.P. – Quais momentos da sua vida esportiva você destacaria?

L.F. – Como treinador o meu auge foi a Olimpíada de 2004 com o Mosiah², era o meu sonho, e que é um sonho comum, a maioria dos treinadores é conseguir classificar e participar de uma Olimpíada. Agora os sonhos foram um pouco além, é voltar, participar de outras Olimpíadas e o meu objetivo imediato é classificar uma equipe inteira para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, participo agora desse trabalho, não diretamente como treinador, mas como coordenador da seleção. Acho que esses foram os momentos. O Pan-Americano do Rio de Janeiro quando a gente ganhou, era um sonho também de ser campeão, eu acho que foram momentos bastante importantes na minha carreira.

B.P. – E quais as principais dificuldades estando fora do eixo Rio-São Paulo?

L.F. – As dificuldades, apesar de estar fora, não são muito diferentes dos demais. A principal dificuldade da ginástica é estrutural; a segunda é o financiamento para se chegar ao alto rendimento, precisa um gasto grande, apoio financeiro realmente, o que melhorou e vem melhorando muito, mas são ainda dificuldades. Eu acho que uma terceira dificuldade importante é o baixo número de pessoas que praticam esporte no Brasil, então onde buscar pessoas talentosas ainda fica muito restrito em função de que são poucos que fazem ginástica, principalmente voltada ao rendimento.

¹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo, ligado ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

² Mosiah Brentano Rodrigues.

B.P. – E teve outra dificuldade fora essa que gostaria de mencionar?

L.F. – As dificuldades foram muitas assim, de pouca possibilidade de aprender com outros, a ginástica é um esporte ainda muito complexo, então tinha que estudar. Para desenvolver o esporte tinha que estudar várias áreas, áreas afins como a psicologia, a nutrição, a fisioterapia, a medicina. Me cercar de pessoas competentes também foi importante, mas é difícil porque requer financiamento para isso, então eu acho que, mas é isso. Nada também diferente de outras áreas de dificuldades.

B.P. – Sobre o início de sua carreira, antes dos Jogos Olímpicos, tem mais alguma coisa que gostaria de destacar?

L.F. – Não. Eu acho que o importante para a minha carreira foi ter conseguido passar por todas as instâncias, desde começar o trabalho lá na iniciação e isso foi crescendo até chegar nas equipes adultas, o alto rendimento e agora o que eu chamo de altíssimo rendimento, que são objetivos já de conquista de medalhas olímpicas realmente. Mas uma trajetória também normal dentro do esporte que precisa, única coisa que precisa ter paciência e investir na carreira.

B.P. – E referente à ida aos Jogos Olímpicos, como foi sua participação nos Jogos?

L.F. – Bom, assim, para mim era um orgulho classificar um ginasta, foi um objetivo de vida não só de trabalho, abri mão de muitas coisas até da minha vida particular, mas para mim foi assim, realizar um sonho, é muito legal, eu me senti naquele momento realizado para aquele objetivo que eu tinha traçado como destaque. E um pouco frustrado de chegar lá ainda com um Brasil não competitivo tanto quanto eu gostaria, de estar brigando naquela ocasião já por medalhas. Já um pouco mais contente, já que a gente já conseguiu a primeira medalha olímpica e na busca agora de novos desafios com mais medalhas, ou participação como eu falei anteriormente da equipe inteira. Aquele momento bastante satisfeito e ciente de que tinha sido árduo, chegar lá não é muito fácil.

B.P. – E como foi convocado ou convidado para participar dos Jogos?

L.F. – Os jogos assim não foi um convite. Foi fruto do resultado, resultado que levou então, isso eu já sabia desde o início que eu tinha que ter o melhor ginasta do país e consegui não só ter o melhor ginasta, como fazer com que ele buscasse a vaga. A vaga foi conquistada por ele. Como eu era o treinador dele, como ele era o único ginasta, automaticamente eu seria o treinador e foi o que aconteceu. Então foi fruto de um trabalho de mais de dez anos para se chegar nisso.

B.P. – Que experiências você considera mais importante para compartilhar?

L.F. – A experiência olímpica eu acho que ela é única, não tem como se ter uma experiência olímpica sem ir a uma Olimpíada, a gente não consegue se preparar cem por cento para uma Olimpíada sem ter ido antes. Hoje como eu tive a felicidade de poder ir, isso eu acho que é um grande passo que é o que eu tenho tentado fazer é compartilhar essa experiência com aqueles que vieram depois de mim, na possibilidade, tanto atletas quanto treinadores na busca desse sonho olímpico também. Acho que é isso, é o conhecimento, é agregar uma série de conquistas, não só de resultados, mas conquistas de trabalho, de aperfeiçoar o ginasta, é saber como chegar lá, como preparar as questões psicológicas, competitivas, são uma série de itens que estão inseridos dentro dessa conquista olímpica e depois a competição olímpica que é mais difícil ainda.

B.P. – Em 2004 foi a única edição que tu participou?

L.F. – Foi, como técnico foi. Na edição passada eu já era o coordenador e eu não fui na competição, mas eu fiz toda parte de toda a preparação para a Olimpíada, mas como técnico foi a única 2004.

B.P. – Sobre essa preparação, tem alguma coisa assim a...

L.F. – A preparação, a partir daí teve um período que eu me retirei desse tipo de foco, voltei para o clube para formar novos ginastas e a partir de 2009 aí eu fui chamado para voltar a trabalhar. Então a partir de 2009, depois da Olimpíada de Pequim, para Pequim eu não trabalhei diretamente, eu voltei para a formação, aí a partir de Pequim eu comecei a trabalhar para Londres, e agora eu tenho um projeto até o Rio de Janeiro e ainda procuro

trabalhar, eu tenho ginastas jovens que eu estou preparando para a Olimpíada de 2020, daí é uma terceira geração onde eu pretendo encerrar.

B.P. – Tem mais alguma coisa que gostaria de falar, sobre a participação dos Jogos, sobre a estada lá junto com o atleta?

L.F. – Não, é aquilo que eu falei assim, o momento olímpico ele é todo cheio de, como é que eu vou dizer, cheio de características próprias, porém a gente nunca consegue aproveitar o que uma Olimpíada oferece porque o foco é tão grande em cima do trabalho que a gente passa o tempo inteiro trabalhando e não consegue aproveitar muito, mas igual a emoção de estar lá e de olhar para trás e ver “Pô, consegui”, é a melhor do mundo assim, para uma carreira profissional, para quem vive isso, então eu acho que é a gente conseguir chegar no cume de uma montanha, deve ser algo parecido, eu nunca cheguei no cume de uma montanha.

B.P. – Sim, cada esporte tem.

L.F. – Mas assim, para a gente que trabalha com o esporte de rendimento o estar em uma Olimpíada é uma sensação de missão cumprida, e se desce e se volta para outra.

B.P. – A carreira pós jogos, qual a repercussão da participação nos Jogos Olímpicos na sua carreira?

L.F. – Ela foi bastante importante, às vezes eu sinto que na ginástica não foi tanto quanto se gostaria, mas igual eu sou muito grato a isso e foi o que me motivou também para continuar o trabalho, buscar mais uma vez a Olimpíada, então eu não me frustrei a ponto de não querer mais, ao contrário, eu me motivei, a repercussão na Olimpíada, sem a medalha é muito momentânea, ela acontece, ela repercute, sem a medalha quase nada financeiramente, que é um retorno que sempre se espera também, porém houve o reconhecimento e eu sou grato a isso também.

B.P. – E qual o significado teve para a ginástica do Rio Grande do Sul a sua participação?

L.F. – Bom, eu sou suspeito em dizer, mas eu, como atleta de ginástica e treinador na ginástica, o Mosiah e eu fomos os últimos então, depois Pequim não houve representatividade gaúcha, nem Londres. Eu participei como coordenador para Londres, mas para Pequim não. Então agora nós estamos em busca de ver se o Rio Grande do Sul consegue colocar novas e novos ginastas, isso tudo é importante eu destacar que eu estou falando tudo isso na ginástica masculina, porque teve a Daiane dos Santos que participou como ginasta do feminino. Então não houve gaúcho na ginástica masculina que é a qual eu represento, que é a qual eu trabalho. Na feminina sim.

B.P. – Sempre atuou aqui no Rio Grande do Sul? O que te mantém aqui?

L.F. – Sim. Sempre, sempre. Eu já tive alguns convites para sair, o meu trabalho como coordenador e para o Comitê Olímpico é a nível nacional, mas eu nunca deixei, a minha base é aqui, o meu trabalho onde eu faço, o principal trabalho é no clube e no estado que eu trabalho no estado também. Então o que me mantém aqui, primeiro eu realmente estou super satisfeito com o estar aqui, a única possibilidade de sair daqui é por melhores condições de trabalho. Se aqui não me oferecer a condição necessária eu vou sair, mas isso eu penso e quando chegar a hora o que eu puder fazer para ficar aqui, está ótimo, mas eu acho que tem uma coisa para frisar, o Rio Grande do Sul infelizmente ainda não é um estado que investe o suficiente para que a gente possa dizer tranquilamente “Daqui eu não saio”. Principalmente na questão estrutural, ele ainda peca muito, faltam condições para a gente poder desenvolver bem o trabalho.

B.P. – Pensando nos objetivos da nossa pesquisa que é analisar a participação gaúcha nos Jogos, gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema, os Jogos Olímpicos?

L.F. – Não, acho que só destacar a importância daqueles que passaram, não foram muitos ginastas que conseguiram isso, mas eu acho que foram sempre grandes ginastas e fizeram apesar das condições, do momento e as vezes de estarem isoladas do eixo Rio- São Paulo, conseguiram e com grandes resultados. Daiane mais ainda, que é uma grande ginasta,

assim como o Gerson³ foi, assim como o João Luis Ribeiro foi, para sua época os expoentes do esporte realmente, então eu acho que é isso, o principal.

B.P. – Bom, alguma coisa a mais que gostaria de destacar sobre a história de vida no esporte, nos Jogos, ou a carreira pós jogos que a gente não perguntou...

L.F. – Não, acredito que não, acho que o resto são questões de trabalho mesmo. Como qualquer trabalho é focar e ir em frente e o mais importante é que hoje em dia o trabalho sozinho ninguém chega a lugar nenhum e o atleta precisa uma equipe trabalhando com ele para atingir esse nível de objetivo olímpico, cada vez mais necessita um grande trabalho, com muita atenção nos detalhes que é o que vai trazer o sucesso, claro, primeiro a base de tudo é um grande ginasta, e o resto cercado de grandes profissionais e uma condição adequada da para se pensar em trabalhar para se chegar lá.

B.P. – Bom, em nome do Centro de Memória do Esporte, a gente agradece muito a participação na nossa pesquisa.

L.F. – Está ok, estou à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³ Gerson Klippel Gnoatto.